

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Folha de S. Paulo	2
Título: Governo muda atribuições e jogo de forças na área de infraestrutura	2
Título: Além das vacas, árvores também expellem metano	4
Título: Notícias de Brumadinho	6
Título: Orçamento do MEC tem perdas reais desde 2015 após série de cortes.....	7
VEÍCULO: O Globo.....	10
Título: Vidas deixadas para trás na rota de barragem da Vale	10
Título: Recuos e reviravoltas	12
Título: DINHEIRO NOVO	15
Título: R\$ 10 bilhões.....	16
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	16
Título: O Brasil na última fronteira do planeta	16
Título: Futurista e inovadora	20

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 26/05/2019****Seção: Mercado****Autor: Ivan Martínez-Vargas****Título: Governo muda atribuições e jogo de forças na área de infraestrutura**

Principal alteração é no BNDES, que passa a poder ser contratado sem licitação para fazer estudos

O governo alterou atribuições de vários órgãos responsáveis pela gestão da área de infraestrutura federal, dando nova direção ao jogo de forças nesse segmento considerado vital para a retomada do crescimento.

No rearranjo, explicam especialistas, ganham força o Ministério da Infraestrutura, sob o comando de Tarcísio de Freitas, e o Dnit (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes).

Com atribuições mais definidas, cresce também o espaço do PPI (Programa de Parcerias de Investimentos) — especialmente no que se refere a privatizações. Entre os que perdem com as mudanças está a ANTT (Agência Nacional de Transportes Terrestres).

Há também uma redefinição no papel do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

A instituição, que historicamente se destacou na concessão de crédito, assume a responsabilidade de elaborar projetos de infraestrutura, um antigo calcanhar de Aquiles na esfera pública.

As novas medidas constam de MP (medida provisória) publicada no Diário Oficial da União em 3 de maio, e, na avaliação geral do setor, buscam destravar obras, ampliar as concessões, agilizar as privatizações e até mesmo melhorar a interlocução com os caminhoneiros descontentes.

O principal avanço, dizem os especialistas, é o reposicionamento do BNDES.

Pelo novo arcabouço, estados, municípios e estatais passam a poder contratar o BNDES sem licitação para realizar estudos de projetos de infraestrutura, PPPs (parcerias público-privadas) e concessões à iniciativa privada.

A medida permite, ainda, que o banco subcontrate consultorias e profissionais para estruturar os projetos por meio de uma nova forma de concorrência, a colação.

Pela modalidade recém-criada, o BNDES poderá enviar convites para ao menos três potenciais participantes, escolhidos com base em um cadastro de capacitados aprestar o serviço.

Ao final, o banco “definirá a proposta vencedora de acordo com critérios preponderantemente técnicos”, segundo a norma, e não necessariamente amais barata.

Antes, cidades até poderiam contratar o BNDES ou consultorias para fazer a estruturação de uma concessão, mas os modelos de licitação eram mais engessados, segundo a advogada Letícia Queiroz.

Para Luiz Felipe Valerim, professor da FGV Direito, a colação é um avanço. As formas mais tradicionais de licitação privilegiam o menor preço, e não a capacidade técnica. Uma eventual economia nessa etapa de estruturação, que custa entre 2% e 5% do total, pode sair pela culatra”, afirma ele.

Esses estudos verificam a viabilidade operacional, econômica e ambiental de uma obra, por exemplo. Quando malfeitos, segundo Valerim, podem gerar depois aditivos contratuais que aumentam o preço do projeto ou mesmo travam a sua execução.

“A MP se inspirou na contratação de agências internacionais reconhecidas, como a IFC [Cooperação Financeira Internacional, do Banco Mundial], que já era possível, mas era mais morosa. É um ganho de competitividade”, diz ele.

“Não é fácil fazer os estudos para que uma obra aconteça ou um edital atraia investidores. O BNDES tem uma equipe dedicada a fazer essa modelagem e pode fazer isso para municípios e estados que não sabem como fazê-lo”, diz Lucas SantaAnna, sócio do escritório Machado Meyer.

A MP permite ainda que a remuneração da atividade do BNDES de estruturar contratos e parcerias seja vinculada ao êxito da licitação.

Para financiar essas atividades, o banco usará o Faep (Fundo de Apoio à Estruturação de Parcerias), criado em 2016, mas que ainda não havia sido operacionalizado.

“O banco vai usar o fundo para pagar a estruturação. A depender do contrato, só receberá o pagamento se o projeto der certo. O banco assume um risco, mas também fomenta estudos técnicos de qualidade”, afirma Queiroz.

“Não fica claro o porquê de o BNDES ter essa proeminência. O corpo técnico do banco é bom, mas, a depender do projeto, uma consultoria menor pode ser eficaz”, diz Sandro Cabral, professor de políticas públicas do Insper.

Outra novidade da MP é que o ministro da Infraestrutura passa a presidir o Conselho Nacional de Trânsito. Já a ANTT deixa o órgão que regula normas e fixa multas.

No fim de abril, Freitas costurou um acordo com lideranças dos caminhoneiros, que ameaçavam fazer paralisações.

Ao contrário da ANTT, o Dnit ganha poder: passa a ser responsável por instalações portuárias e obras de dragagem, por exemplo. “Pode ser uma preparação para a privatização das autoridades portuárias”, afirma Queiroz.

“Na privatização, essas obras podem passar a ser responsabilidade da concessionária ou ficar com o Dnit para atrair investidores”, diz Valerim.

O PPI também cresce. Criado em 2016 para viabilizar PPPs e concessões federais, ganha as secretarias de obras estratégicas e apoio a licenciamento ambiental.

O conselho do programa, que era presidido pelo presidente, agora será chefiado pelo ministro Santos Cruz, da Secretaria de Governo.

O PPI será o responsável pela integração entre ministérios e agências do governo e órgãos como o Ministério Público. Passou ainda a poder propor integração de modais de transporte e a analisar planos de estados e municípios.

“Durante a elaboração do projeto, o PPI poderá fazer adequações necessárias antes da publicação do edital, o que representa um ganho na articulação”, diz Venilton Tadini, presidente da Abdib (Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base).

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 26/05/2019

Seção: Colunas

Autor: Marcelo Leite

Título: Além das vacas, árvores também expelem metano

Florestas absorvem carbono quando crescem. Esse é o padrão ensinado em incontáveis artigos, livros e escolas, e provavelmente é apura verdade. Só que há um probleminha chamado metano.

Quando se fala em emissão ou absorção de carbono, em geral se entende o dióxido de carbono (CO₂), porque sua concentração é alta e está aumentando. É

o principal gás da atmosfera a agravar o efeito estufa. Outro gás do efeito estufa, o metano (CH₄), tem concentração muito menor na atmosfera, mas cada molécula sua causa pelo menos 20 vezes mais estrago que uma de CO₂.

Por isso os climatologistas ficam de olho nas fontes de metano. A maior parte do que a humanidade emite dessa modalidade de carbono vem da agropecuária. Também há perdas do composto na exploração de petróleo e gás natural.

Leio agora na revista National Geographic, em reportagem de Andrew Revkin, que árvores também emitem metano. Em algumas ocasiões, isso pode ser constatado a olho nu, na forma de bolhas que brotam de troncos recém-cortados.

A observação episódica era vista como curiosidade há mais de um século. Não mais, conta Revkin: acumulam-se artigos científicos com medições de metano oriundo de árvores. Algumas o absorvem perto do solo e o emitem no alto, pelos galhos e folhas; outras fazem exatamente o contrário. É, até certo ponto, um enigma.

Sabia-se que a emissão de metano acontecia em árvores de florestas sazonalmente inundadas, como os igapós da bacia do rio Negro, como se fossem chaminés para o metano produzido na decomposição anaeróbica de matéria orgânica alagada. Mas o gás vem sendo detectado e medido até em árvores em terra firme.

Importa agora descobrir qual é o balanço do metano produzido e emitido em cada tipo de floresta e região ou clima do globo. Isso ajudará a calibrar os modelos de computador que projetam as mudanças do clima no futuro.

Ninguém parece acreditar, contudo, que esteja ameaçado o paradigma segundo o qual florestas naturais ou plantadas ajudam a combater o aquecimento global, na medida em que sequestram o excesso de carbono da atmosfera.

A lição a tirar dessas descobertas e mensurações são: 1. A química da atmosfera e sua interação com a biosfera revelam-se mais complicadas do que sabemos hoje; 2. Quem faz o conhecimento sobre isso progredir são pesquisadores, e não políticos ou lobistas.

O equívoco na lição 2 tomou o poder no palácio do Planalto e no Ministério do Meio Ambiente — melhor dizendo, no governo todo de Jair Bolsonaro (PSL). Mas governos e opiniões ideologicamente motivadas passam, enquanto a pesquisa objetiva fica.

Uma das coisas boas do verdadeiro jornalismo —e da ciência— é ver-se com frequência constrangido a rever conhecimentos e convicções. Quem prefere ideias prontas e crenças arraigadas que busque outra profissão, ou outro tipo de leitura.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 26/05/2019

Seção: Tendências/Debate

Autor: Mônica S. Gouvêa

Título: Notícias de Brumadinho

Socióloga e psicóloga, mestra em educação (Unicamp), diretora educacional da Magia de Ler - Jornal Joca e consultora para a educação básica

Troca de correspondências traz alento a estudantes

Passados cem dias do rompimento da barragem da mina de Córrego do Feijão, no município de Brumadinho (MG), a profunda melancolia pelas perdas de parentes e amigos ainda contamina a todos, incluindo os que lá chegam.

Coordenar a gestão da ajuda espontânea e as outras necessidades prementes à reestruturação da cidade vem sendo um grande desafio para o poder público.

A Secretaria de Desenvolvimento Social do Estado de Minas Gerais e a Secretaria de Desenvolvimento Social de Brumadinho assumiram as atividades sociais desenvolvidas: acolhem famílias dos bairros mais atingidos, direcionam voluntários e ONGs vindos do mundo todo para ajudar, acondicionam e distribuem doações de roupas e alimentos, que muitas vezes chegam com a validade vencida, e orientam a população.

Foi criado um plano de ação em três etapas para dar suporte aos habitantes: 1. O cadastramento por indivíduo, em formulários eletrônicos, de todos os moradores impactados, para diagnosticar suas necessidades reais; 2. A criação de um comitê intersetorial e sócio-assistencial para contratar novos servidores e reger as equipes no fortalecimento do trabalho social do município; 3. A concretização de parcerias com institutos e fundações voltados para a primeira infância, com a premissa de desenvolver a cidade pelas crianças, e com a iniciativa privada, a fim de reorganizar a matriz econômica de Brumadinho e da região para os próximos 20 anos.

É um trabalho grande, que envolve as dimensões social, assistencial, econômica, financeira e de saúde.

Nesse contexto conturbado, iniciativas de apoio a crianças, jovens e adultos organizadas por ONGs e empresas têm trazido alento para alguns. Dentre elas está a do jornal Joca, publicação quinzenal para crianças e adolescentes.

Desde a primeira matéria do Joca, sobre o rompimento da barragem, nossos leitores foram convidados a enviar mensagens de apoio aos estudantes das escolas do município por intermédio do jornal. Surpreendentemente, a redação recebeu 2.200 cartas! Elas foram enviadas para as escolas de Brumadinho com os selos para que os alunos da cidade pudessem responder e enviar suas cartas aos remetentes, estudantes de outras regiões do Brasil.

Esse movimento gerou um intercâmbio intenso e gratificante para as duas partes, do ponto de vista emocional — um exercício de solidariedade e acolhimento —, e também pedagógico do aprendizado de escrita de cartas. Os alunos de Brumadinho tiveram a oportunidade de relatar a tristeza de perder um irmão, um amigo e seus conhecidos. Puderam contar como estavam se sentindo e o que estão fazendo para superar o desconsolo.

Professores, alunos, moradores da cidade e profissionais do setor público conversaram com a equipe do jornal, que esteve na cidade entre os dias 1º e 3 de maio, colhendo informações para um encarte especial que irá relatar toda a ação e sua repercussão como um modelo para o enfrentamento de situações limite.

Muitas escolas foram além e desenvolveram outras atividades, principalmente para trabalhar competências sócio-emocionais, mais um indicador do resultado significativo da ação.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 26/05/2019

Seção: Cotidiano

Autor: Danielle Brant e Paulo Saldana

Título: Orçamento do MEC tem perdas reais desde 2015 após série de cortes

Verba da pasta da Educação cresceu 10% durante governos Lula e Dilma, mas retraiu 6% em 4 anos

BRASÍLIA - Sucessivos cortes de recursos ocorridos desde 2015 causaram queda real (descontada a inflação) no orçamento total do MEC (Ministério da Educação), que deixou de acompanhar o aumento dos preços no período que vai até 2018, mostram dados oficiais. Enquanto gastos obrigatórios — como salários — cresceram, despesas discricionárias da pasta, disponíveis para contingenciamento, diminuíram.

Os recursos globais da pasta tiveram aumento médio de 10% de 2006 a 2014, durante os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff (ambos do PT). Com a crise econômica, que fez o PIB (Produto Interno Bruto) do país derreter 7% em 2015 e 2016, o orçamento do ministério registrou retração acumulada de 6% de 2015 a 2018, em valores corrigidos pela inflação.

Os dados foram obtidos a partir do Siop (Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento) do governo federal.

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) vem repetindo que Dilma Rousseff cortou R\$ 10 bilhões da educação em 2015 para alegar que os cortes feitos agora não são tão graves.

Além disso, o governo afirma que o bloqueio de R\$ 5,8 bilhões pode ser revertido caso a economia melhore e as receitas retomem o curso. Para 2019, o orçamento do MEC é de R\$ 122,9 bilhões, cerca de R\$ 11 bilhões maior do que o do ano passado.

O contingenciamento de R\$ 5,8 bilhões neste ano determinado para o MEC pelo governo Bolsonaro perfaz 24% dos recursos discricionários. Em 2017, o contingenciamento após o primeiro bimestre somou R\$ 5,03 bilhões.

Na ocasião, entretanto, respondia por 16% dos recursos discricionários (sem considerar emendas), segundo nota técnica da Consultoria de Orçamento e Fiscalização Financeira da Câmara.

Em 2014, o MEC gastou R\$ 21 bilhões discricionários (sem contar emendas), em valores nominais, o que representou 65% do que era orçado a partir dessa fonte de recurso. Desde então, o montante orçado vem caindo e a execução, também. No ano passado, foram gastos R\$ 18 bilhões desse recurso.

No orçamento de 2019, estão previstos R\$ 23 bilhões referentes a essa rubrica. Caso o contingenciamento atual não seja revertido neste ano, esses valores chegarão a cerca de R\$ 17 bilhões.

Olavo Nogueira Filho, diretor de políticas educacionais do Movimento Todos pela Educação, avalia que, apesar de pegar um país ainda se recuperando de grave crise econômica, não dá para atribuir o cenário de dificuldade na Educação e os contingenciamentos somente às gestões Dilma e Michel Temer (MDB), como fez o ministro da Educação, Abraham Weintraub, em comissão no Congresso.

"O governo herda essa situação, mas poderia ter estabelecido e proposto para os diferentes atores, para a comunidade educacional e para o país, a questão de como agente enfrenta o desafio de financiamento do ensino superior, como

tornar o ensino superior mais eficiente do ponto de vista dos seus gastos", diz. "A comunicação foi falha"

Em entrevista a O Estado de S. Paulo, Weintraub disse que faria cortes em verbas para universidades específicas porque elas promoveriam o que chamou de "balbúrdia". Após a repercussão, o MEC informou que os cortes seriam para todas as federais.

Além das universidades, o congelamento deste ano teve impactos que vão da educação infantil à pós-graduação, o que vai contra o discurso do governo de privilegiar a educação básica, por exemplo.

Com os reiterados cortes, os bloqueios têm tido peso maior, porque acabam incidindo sobre um volume menor de recursos ano após ano.

Esse enxugamento, dizem especialistas, pode comprometer melhorias necessárias na área, mas também a capacidade de gerenciar responsabilidades assumidas.

Gastos discricionários incluem despesas essenciais, como contas de energia e água das universidades federais. O bloqueio nas federais soma R\$ 2 bilhões, referente a 30% dos recursos discricionários.

"Estamos terminando o primeiro semestre. As universidades têm atividades vinculadas à extensão, à pesquisa, além do pagamento de contas de água e luz. Se eu não posso ficar sem pagar água e luz, vou tirar de outro lugar, e isso vai ficar descoberto", diz Catarina de Almeida Santos.

Ela é professora da faculdade de Educação da UnB (Universidade de Brasília), uma das que teria verba cortada sob acusação de praticar "balbúrdia" conforme publicação do ministro. A postagem gerou reações em massa e uma onda de críticas ao governo Bolsonaro, culminando nos protestos de 15 de maio.

"Imagina o que é ter 40%, 50% das verbas bloqueadas no meio do semestre. Ou a gente não vai conseguir concluir o ano letivo ou vai concluir com dívida gigantesca que vai impactar no ano seguinte."

O governo Bolsonaro havia incluído um novo bloqueio de R\$ 1,7 bilhão para o MEC, mas voltou atrás na última semana. Após protestos em pelo menos 170 cidades, a área econômica decidiu recompor essa previsão orçamentária.

Especialistas questionam a disposição do ministro de realmente brigar pelos recursos da pasta. Na comissão mista do Orçamento, em meados de maio, Paulo Guedes (Economia) afirmou que alguns ministros têm "um jeito mais sabido de levar dinheiro", enquanto "tem outro que não sabe, fica mais tímido."

A professora Catarina diz que o ministro não estaria disposto ao diálogo, algo que consideranecessário ao MEC. "Ele deveria estar na Economia. Não tem capacidade de dialogar. Não conversa com quem faz educação no país"

Claudia Costin, professora da FGV (Fundação Getulio Vargas) e especialista em educação, avalia que seria mais interessante alguém que tivesse "atuação mais técnica-ões-tão da política educacional".

"O ministro da Educação não é alguém que deva se portar como se estivesse em campanha eleitoral. É uma atividade [a ser] preservada dos calores políticos", diz ela, que é colunista da Folha.

Em nota sobre o desbloqueio de R\$ 1,6 bilhões, o MEC afirmou que o contingenciamento atual não é inédito.

"O MEC trabalha para conseguir recursos recuperados de atos de corrupção praticados na Petrobras. O dinheiro já está no Brasil e pode chegar a US\$ 600 milhões [R\$ 2,4 bilhões]", diz anota. A entrada desses recursos, porém, depende de acordo judicial.

VEÍCULO: O Globo

Data: 26/05/2019

Seção: O País

Autor: JOÃO PAULO SACONI

Título: Vidas deixadas para trás na rota de barragem da Vale

Apesar do risco iminente de rompimento de mina, morador do povoado de Socorro (MG) dribla pontos de bloqueio e volta à própria casa para cuidar dos pertences que ficaram; ele diz que propriedades foram saqueadas após vilarejo ser evacuado

O relógio de ponteiros parados diz que faltam cinco minutos para as 7h, mas o motorista de ônibus Amarair Paulo de Moraes sabe que, na realidade, são 15h30m. É que o tempo parou desde fevereiro em Socorro, povoado nos arredores de Barão de Cocais (MG) em que ele passou metade dos 46 anos de vida até ser forçado a deixar absolutamente tudo para trás. O local foi evacuado devido ao iminente rompimento da barragem Sul Superior da Vale. Ontem, a Agência Nacional de Mineração informou que a movimentação do talude chegou a 19cm em alguns pontos isolados da estrutura.

Apesar dos alertas frequentes da mineradora e das autoridades, Moraes não acredita que a tragédia que envolveria água e lama possa varrer a comunidade esvaziada—a primeira na rota dos rejeitos.

Para ele, a proteção da casa própria e de toda a cidade é garantida por uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, prenda arrematada pelo motorista numa quermesse local e disposta bem ao lado do relógio que deixou de marcar as horas nos últimos quatro meses.

—Ela protege. Tenho certeza. Não só a minha casa, como a igreja aqui do lado e as casas vizinhas.

Não foi à toa que várias foram saqueadas e a minha não —afirma Moraes.

A esperança de que o possível desastre ambiental não aconteça e de que seja possível, enfim, voltar para casa, move agora o motorista de ônibus. Descrente em relação a qualquer promessa da Vale, que lhe entregou uma parcela única de R\$ 5 mil e um vale-refeição mensal de cerca de R\$ 800 para a família de cinco pessoas, ele não pensa duas vezes antes de driblar os pontos de bloqueio e retornar à própria casa para cuidar dos pertences que precisou deixar lá.

—Os funcionários da Vale dizem que, se eu for visto entrando, vão chamar a polícia para me prender. Mas um policial já me disse que não vai fazer nada. Só estou pegando o que é meu por direito. Vão nos prender e o que acontece com eles (da Vale)? Nada, nunca acontece nada—disse ele.

ANTES DO INVERNO

Antes da última sexta-feira, quando estive no imóvel acompanhado do GLOBO, as incursões eram feitas à noite, na surdina. Desta vez, o passo é apressado e ter como destino final o quarto que construiu para a neta, Sofia, que completa um ano semana que vem. Ela está separada do convívio com o avô. Sofia mora com a mãe, Naiane, em uma casa alugada pela Vale em uma das regiões menos privilegiadas de Barão de Cocais, mas fora da área de risco. Moraes vive em outra propriedade, herdada dos sogros.

—Tem coisas que compramos e não chegamos a usar. E a Vale não nos deixa tirar daqui. Os pratos em que como na casa em que estou hoje são todos de metal. Os de vidro ficaram todos aqui em casa. A geladeira eu consegui levar depois de terem evacuado a cidade. Vim com outros moradores que salvaram pertences dos saques —disse ele.

Enquanto toda a cidade está preocupada com o possível rompimento da barragem, a maior necessidade de Moraes é separar uma foto esquecida e roupinhas de frio para Sofia. Foi um pedido da filha.

A família gostaria de voltar para casa a tempo de aproveitar a tradicional Festa da Padroeira, que há 280 anos movimentava os meses de agosto da comunidade. O

que mantinha o povoado unido durante três séculos, de acordo com Moraes, era a igreja branca e azul em homenagem à santa com o nome do lugar.

O espaço guarda o título de mais antigo expoente do movimento rococó em Minas e teve o interior esvaziado em fevereiro, quando as principais obras de arte sacra foram retiradas e enviadas para a Igreja Matriz de Barão de Cocais.

Enquanto carrega nas costas uma sacola com as roupas e nas mãos três tangerinas que colheu no próprio quintal, Moraes insiste em passar no cemitério de Socorro antes de ir embora. Há cerca de 50 lápides. A última morte registrada foi em 2017, motivada por uma pneumonia.

—As pessoas viviam muito bem aqui em Socorro, até ficarem velhas. Não precisavam sair, se não quisessem. Só para pegar remédio. Todo mundo plantava o que queria comer ou comprava na mercearia—diz Moraes, que depositou flores nos túmulos da sogra e do cunhado.

Enquanto ele dispara rumo ao trabalho, que não parou diante de tantas mudanças na vida, Barão de Cocais está repleta de políticos, bombeiros e repórteres que aguardam novidades sobre as estruturas da Vale instaladas nos arredores do município. Tudo o que ele quer é não ouvir mais nada sobre a barragem, da qual nunca tinha desconfiado até o início deste ano. O ideal, para Moraes, seria que o tempo parasse agora—enquanto Socorro ainda vive —, como aconteceu com o relógio de pilhas gastas que ele não pode trocar.

VEÍCULO: O Globo

Data: 26/05/2019

Seção: O País

Autor: MARCO GRILLO, MARCELLO CORRÊA E GUSTAVO MAIA

Título: Recuos e reviravoltas

PRESIDENTE SOB TUTELA

O custo que o imprevisto de decisões e declarações de Bolsonaro provoca no dia a dia do governo

Em apenas cinco meses de mandato, o presidente Jair Bolsonaro já deixou claro que a liturgia do cargo não o fez abandonar a espontaneidade de dizer o que lhe vem à cabeça, não importa se em reunião portas fechadas no Palácio do Planalto ou nos microfones abertos a 210 milhões de brasileiros. Ideias que surgem não são combinadas sequer com seu primeiro escalão, e o custo de declarações e planos mirabolantes já apresenta sua fatura.

Não são raras situações de bate-cabeça ou operações para apagar incêndios maiores causados por declarações ou atos não planejados. Trata-se de rotina para quem o serviu até agora.

Na semana passada, o presidente disse a jornalistas que seu governo preparava um projeto que geraria para os cofres públicos economia superior à cifra de R\$ 1 trilhão prevista com a reforma da Previdência. A afirmação criou uma interrogação na equipe econômica do presidente. O ministro Paulo Guedes não tinha ideia do que se tratava tal medida.

Marcos Cintra, secretário especial da Receita Federal, teve de se dirigir ao Palácio do Planalto para conversar com Bolsonaro e entender a proposta. Naquele dia, cancelou sua ida ao Congresso, cujo intuito era discutir a reforma tributária — esta sim, real e urgente.

Cintra ouviu do presidente que o plano era o seguinte: a atualização do valor de imóveis. A ideia seria propor uma atualização obrigatória aos contribuintes — e taxá-la. Dessa arrecadação viria R\$ 1 trilhão. A ideia não partiu do nada. O GLOBO encontrou um projeto de lei elaborado pelo advogado Luiz Bichara a pedido do ex-senador Flexa Ribeiro (PSDB-PA) destrinchando justamente a proposta, datado de 2017. Mas o texto nunca avançou no Senado.

ROTINA DE INCÊNDIOS

No Ministério da Economia, foi mais uma situação de incêndio a ser apagado. Interlocutores do ministro consideraram a ideia “mirabolante” e que desviava do foco principal da equipe, que é promover reformas estruturais, com foco nas mudanças na Previdência. Depois da fala de Bolsonaro, técnicos da pasta foram orientados a tocar a proposta, mas sem priorizá-la, na esperança de que o presidente deixe o assunto de lado. Qualquer sugestão que seja entendida como “substituta” à reforma da Previdência é considerada pela equipe econômica um equívoco.

— Não gera entusiasmo. Isso nem foi cogitado e não acreditamos que vá adiante

— disse um interlocutor de Guedes, pego de surpresa com a fala presidencial.

Decisões intempestivas longe dos microfones também geram custo alto. Quando o decreto que flexibiliza o porte e a posse de armas, editado em 8 de maio, foi reprovado por pareceres de técnicos do Congresso e alvo de ações no Supremo Tribunal Federal (STF), o ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, designou uma subordinada para trabalhar exclusivamente, dia e noite, em uma nota técnica que rebatesse todas as alegações de inconstitucionalidade do texto. O objetivo era mostrar que houve exagero na reação dos parlamentares.

Parte importante do trabalho, contudo, foi em vão. O presidente decidiu que seria editado um novo decreto revendo os pontos considerados mais “frágeis”. A Lorenzoni, coube aceitar a reviravolta e ordenar que o trabalho fosse refeito.

Apesar dos percalços enfrentados pelo ministro da Justiça, Sergio Moro, a seara de Paulo Guedes é a que tem passado por mais testes de estresse: Bolsonaro falou sobre arbitrar a taxa de juros do Banco do Brasil, interferir no preço do diesel e aumentar o IOF. Todas as declarações tiveram algum impacto no mercado — em especial no caso das ações do Banco do Brasil e da Petrobras, que desabaram ao menor sinal de interferência.

— O comportamento errático (de Bolsonaro) sinaliza a falta de rumo do governo — resume o cientista político pela USP Rubens Figueiredo. — O mesmo presidente que assina a MP da liberdade econômica intervém no preço do diesel.

Falas impensadas têm obrigado o porta-voz Otávio Rego Barros a valer-se de jogo de cintura para colocar os pingos nos is. Mesmo em contato com todos os ministérios, nem o próprio porta-voz tem todas as respostas. Questionado pelo GLOBO sobre os dados que embasavam a mais recente proposta do presidente, sobre imóveis, disse:

— É a pergunta de milhão de dólares.

O QUE BOLSONARO DISSE

4/1

IOF sobe ou não sobe?

“Essa questão (aumento do IOF), infelizmente, foi assinado decreto nesse sentido, para quem tem aplicações aí fora”

CORREÇÃO

O ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, disse que Bolsonaro “se equivocou” ao dizer que haverá aumento do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF)

7/3

Democracia tem dono?

“Democracia e liberdade só existem quando a sua respectiva Forças Armadas assim o quer” (sic)

CORREÇÃO

O vice-presidente Hamilton Mourão explicou que a fala foi mal interpretada. Segundo ele, Bolsonaro quis dizer que, se as Forças Armadas não se comprometem com a democracia e liberdade, esses valores morrem

12/4

Congela ou não congela o diesel?

“Eu liguei para o presidente, sim. Me surpreendi com o reajuste de 5,7%. Não vou ser intervencionista e fazer práticas que fizeram no passado, mas quero os números da Petrobras.”

CORREÇÃO

Com o aumento do diesel adiado, a Petrobras perdeu R\$ 32 bilhões de valor de mercado. O presidente da estatal, Roberto Castello Branco, negou interferência: “É uma decisão empresarial. (...) A Petrobras é livre”

29/4

Apelo para o coração

“Eu apelo, Rubem (Novaes, presidente do Banco do Brasil), me permite fazer uma brincadeira. Apelo para o seu coração, para o seu patriotismo, para que esses juros, (...) caiam um pouquinho mais”

CORREÇÃO

O porta-voz do governo, Otávio Rêgo Barros, afirmou, no mesmo dia, que Bolsonaro “não quer e não intervirá” na política de juros do BB. A fala do presidente provocou queda no valor das ações do banco

VEÍCULO: O Globo**Data: 26/05/2019****Seção: Colunas****Autor: Ascânio Seleme****Título: DINHEIRO NOVO**

Com a ajuda de parlamentares de diversos partidos, inclusive do PT, o governo de Minas Gerais tenta fazer um acerto técnico sobre a qualidade do nióbio retirado das minas de Araxá pela Companhia Brasileira de Metalurgia e mineração (CBMM), empresa da família Moreira Salles. Segundo o debate em

curso na Assembleia Legislativa, o teor do mineral retirado é maior do que se supunha, por isso, os royalties também devem ser mais elevados. Só em atrasados, o governo mineiro imagina ser credor de R\$ 5 bilhões.

VEÍCULO: O Globo

Data: 26/05/2019

Seção: Colunas

Autor: Lauro Jardim

Título: R\$ 10 bilhões

ECONOMIA

Henrique Meirelles estima que São Paulo seja dono de um rombo de R\$ 10 bilhões em seu orçamento em 2019. Mas já sabe como pretende zerar o vermelho. Vai apertar o torniquete nos gastos e, assim, economizar R\$ 5,7 bilhões. O restante quer conseguir numa operação de securitização dos royalties do petróleo extraído no estado —uma solução que o Rio de Janeiro já usou, mas até agora inédita na unidade da federação mais rica do país.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 26/05/2019

Seção: Brasil

Autor: Jose Carlos Vieira /Enviado especial

Título: O Brasil na última fronteira do planeta

Antártica — Até outubro, ninguém chega e ninguém sai do continente antártico. As temperaturas extremas e os fortes ventos, além de um mar extremamente perigoso, impedem qualquer aventura humana. A convite da Marinha do Brasil, o Correio participou da última missão 2018/2019 na região. O foco da jornada à fronteira gelada brasileira eram as ações finais para a inauguração da nova Estação Comandante Ferraz, em março do ano que vem, como destacou, em entrevista na cidade chilena de Punta Arenas, o contra-almirante Sergio Gago Guida, secretário da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (Secirm). Agora começa a fase do comissionamento da estação. “Levaremos os equipamentos até o limite. Precisamos que todas as instalações estejam funcionando sempre em uma situação próxima às quais elas foram projetadas. Não podemos ter falhas”.

Rumo ao desconhecido

Não é você que escolhe ir para a Antártica, é a Antártica que escolhe você. Essa

frase foi dita, em pelos menos três ocasiões, por militares da Marinha, responsáveis pela missão que levará a reportagem do Correio ao continente gelado. O início da jornada rumo à Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF) começa em Punta Arenas, no Chile. A previsão de embarque no avião Hércules C-130, da Força Aérea Brasileira (FAB), é às 6h, se o tempo, sempre instável na região mais austral do planeta, permitir.

Estamos no fim de março, a poucos dias para o término do verão, a temperatura na bela cidade chilena está em torno dos 8º C. Ventos moderados. O céu de um azul-escuro acolhe um frio sol avermelhado, que se põe por volta das 20h. Punta Arenas é hoje uma charmosa atração turística com 150 mil moradores localizada na Patagônia chilena.

Agora é meia-noite, faltam algumas horas para o voo. A equipe coordenada pelos comandantes Carla e Felipe (nomes de guerra dos militares da Marinha) avisará qual o horário exato para estar com o grupo base no Hotel Cabo de Hornos. Como dormir numa ansiedade dessas? O jeito é esperar, esperar... À 1h, pelo WhatsApp, a hora do embarque é confirmada: 6h30. Todo o material de viagem precisa ser despachado do hotel às 4h.

A Antártica é o principal regulador térmico da Terra. A região controla as circulações atmosféricas e oceânicas, influenciando o clima e as condições de vida em todo planeta. As frentes frias, as chuvas que caem em Brasília, por exemplo, têm a ver com sistema antártico. Além disso, a região onde se localiza o Polo Sul guarda uma das maiores reservas de gelo (90%) e água-doce (70%) da nossa Terra. Seus recursos minerais e energéticos são incalculáveis (ouro, petróleo, gás natural), sem falar da biodiversidade, um dos principais focos de atuação dos cientistas brasileiros na região, que buscam substâncias capazes de ajudar na cura de doenças como o câncer, por exemplo.

Responsável pelo Programa Antártico Brasileiro (Proantar), o contra-almirante Sergio Gago Guida, secretário da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (Secirm), dá como exemplo o interesse da Friocruz pela biodiversidade na região. A instituição está entrando no Proantar agora. “Nós temos uma dependência muito grande de importação de material anticongelante para algumas cirurgias. Existem alguns organismos na Antártica que possuem essa capacidade anticongelante e que podem ser estudados e explorados”.

Bagagem pesada

Punta Arenas, banhada pelo Pacífico, é o derradeiro pedaço de terra ligado ao continente americano. Depois das águas geladas do Estreito de Magalhães, pequenas ilhas são os últimos torrões da América do Sul. Pelo estreito, cruzam

navios mercantes que fazem a rota entre os oceanos Pacífico e Atlântico. Mas, desde a construção do Canal do Panamá, no início do século 20, esse trecho vem perdendo protagonismo comercial.

Carregar para o Hotel Cabo de Hornos a bagagem e os equipamentos de sobrevivência (cerca de 12kg), entregues anteriormente pela Marinha, é a primeira grande e pesada tarefa: botas com forro, casaco corta-vento com capuz, jardineira de tecido impermeável, conjunto capa de chuva, macacão Mustang (quase uma roupa de astronauta), luva e óculos corta-vento são alguns dos acessórios oferecidos pelo Proantar para os pesquisadores e os poucos visitantes da estação.

A viagem começa

Às 6h45, embarcamos no avião cargueiro Hércules C-130 rumo à base chilena na Antártica Eduardo Frei Montalva. De lá, seguiremos no navio polar Almirante Maxmiano para a estação brasileira. O Hércules parece um grande contêiner voador, passageiros e tripulação se misturam aos equipamentos pesados e mantimentos que serão entregues à EACF, localizado na Ilha do Rei George, na Península de Keller. Os protetores auriculares entregues aos passageiros reduzem pouco o barulho dos potentes motores de 4.590 cavalos.

A aventura começa! Imagens do céu antártico vistas da pequena janela do avião impressionam. O C-130 é uma aeronave de guerra, fabricada pela norte-americana Lockheed, capaz de aterrissar em pistas pequenas ou improvisadas. “Tem capacidade para 20 toneladas de carga. A nossa configuração permite o transporte de 56 passageiros, além da carga da Marinha”, destaca o suboficial Freire, da FAB.

Da cabine do avião, o major Nicolás, comandante do FAB 2467, explica ao Correio os detalhes do trecho aéreo. “Este é o sexto voo do trigésimo sétimo ano da Operação Antártica. Estamos a uma altitude de 6 mil metros, numa velocidade de 520 km/h. Esperamos que os senhores estejam no solo o mais breve possível e em segurança.” Foi mesmo um voo tranquilo, em torno de três horas e meia. Cada passageiro convidado pelo Proantar paga simbolicamente (taxa de embarque) US\$ 15 pela viagem.

22 graus abaixo de zero

Antes de o avião tocar no solo da base chilena, o alerta é dado: todos devem se agasalhar totalmente, a sensação térmica no local beira os -22º C. A porta da aeronave se abre. Entramos num mundo gelado, branco... agora dá para

entender quando se fala que a Antártica é o local parecido com a Lua. Simbolismo bem metafísico, mas procede.

Rajadas de vento... neve caindo... demais para um repórter que sempre viveu no Planalto Central do Brasil. Tudo, tudo branco, o horizonte tomado por uma névoa quase azul. Com muito esforço, vê-se, fundeado, o navio polar Almirante Maximiano. E como chegar lá?

Botes salva-vidas começam a sair do navio rumo à praia. Teremos de subir nesses botes para chegarmos à embarcação. Mais uma aventura! Qualquer acidente, uma queda n'água, pode resultar em morte por hipotermia. Bastam apenas três minutos, mesmo agasalhado, para vir a óbito. Mas o trabalho dos marinheiros, extremamente treinados, põe em segurança todos a bordo.

Da base chilena à estação brasileira, a duração é em torno de três horas de navio. Pisaremos em solo brasileiro na Antártica no fim da tarde. Teremos apenas quatro horas para a primeira visita à EACF. Depois, voltaremos de bote ao navio, onde dormiremos, pois os equipamentos e móveis da estação só devem chegar no começo do próximo verão, fim de outubro.

Em terras brasileiras

O Almirante Maxmiano, o Tio Max, chega à Baía do Almirantado. O navio polar, que tem um imponente comprimento de 93,4m, parece um barquinho de papel, tais as dimensões gigantescas do local em que se encontra a estação brasileira. Devagar, a embarcação se posiciona para que possamos ir à terra. As imagens impressionam! As primeiras sensações são de alegria quase infantil, vontade de ficar rindo à toa, extasiado por presenciar uma região em que poucos humanos tiveram a sorte de estar. O repórter do Correio está.

Na preparação para pegar o bote, é necessário usar o macacão Mustang, que pesa em torno de 4kg, a bota especial, uns 2kg, além da roupa interna. E não é fácil vesti-los. Para um marinheiro de primeira viagem, demora ainda mais. Antes da partida à estação, o comandante do navio e capitão de mar e guerra, Candido Marques, informa que a missão terá o retorno ao continente sul-americano antecipado em dois dias, devido ao mau tempo previsto na passagem do Estreito de Drake. O comandante está preocupado com a segurança do navio e da tripulação.

Teremos só a tarde e o dia seguinte para conhecer e circular pela Estação Antártica Comandante Ferraz. Tudo bem, Neil Armstrong e Edwin Aldrin, do Apollo 11, passaram um período de 21 horas na Lua.

Os dois botes com as equipes partem para a base. As águas na Baía do

Almirantado estão calmas, apenas os ventos cortantes e gelados atrapalham a travessia. À medida que aproximamos, se percebe a dimensão dos dois blocos recém-construídos, onde ficarão cientistas e militares a partir de março do próximo ano — quando a estação será oficialmente inaugurada.

Perigo no mar

Conhecida como a travessia mais perigosa do planeta, a passagem de Drake, estreito de Drake ou mar de Drake liga a América do Sul à Antártica. Com apenas 650 quilômetros de largura, divide os oceanos Atlântico e Pacífico. As correntes que contornam a Antártica e a região aberta tornam o fluxo de água violento com ondas que chegam a 12 metros de altura. Um cemitério de embarcações desde o início das grandes navegações. O nome foi dado em homenagem ao explorador Francis Drake.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 26/05/2019

Seção: Brasil

Autor:

Título: Futurista e inovadora

Na baía, outras duas embarcações estão ancoradas: o navio de apoio oceanográfico da Marinha do Brasil Ary Rongel e o cargueiro Magnólia em que se encontram todos os entulhos e sucatas retirados da estação anterior, que sofreu um trágico incêndio, em 2012. No episódio que chocou o país, dois marinheiros brasileiros perderam a vida.

É no Magnólia onde 263 trabalhadores da empresa chinesa contratada moram. Vieram das regiões mais frias daquele país. Estão adaptados às baixas temperaturas em solo antártico. A Corporação Chinesa de Importações e Exportações Eletrônicas (Ceiec) foi a vencedora da licitação de US\$ 99,6 milhões (R\$ 500 milhões) para a construção. Pelo contrato, a empresa é obrigada a seguir a legislação trabalhista brasileira (principalmente a de segurança) até o fim dos serviços. Sete fiscais designados pela Secretaria da Comissão Interministerial de Recursos do Mar (Secirm) monitoram toda a estação — são cinco engenheiros navais da Marinha e dois do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Há também um grupo-base composto por 16 militares que fica permanentemente na EACF.

Um concurso público escolheu o projeto vencedor. O escritório de arquitetura paranaense Estúdio 41 levou a disputa. Toda a obra, desde a pré-montagem em Xangai (China), foi supervisionada por militares da Marinha. O capitão de fragata Luiz Filho, chefe da Estação Antártica Comandante Ferraz, explica ao Correio a importância das novas instalações para a comunidade científica. “Ela estará dotada de vários laboratórios, dando plena infraestrutura aos pesquisadores para estudos e coleta de informações.”

Desde 2013, o capitão de fragata e engenheiro José Costa trabalha no projeto da nova estação. “Em janeiro daquele ano, fui transferido para Brasília, onde comecei a atuar no projeto de reconstrução da estação. Participei do processo licitatório à fiscalização da obra, que começou em 2015. Somos uma equipe multidisciplinar, com engenheiros de várias especialidades, mecânicos, eletricitas, de controle, todos fazem parte do grupo que controla cada passo da obra.”

Pesquisa é prioridade

É mesmo uma construção de se ter o orgulho demonstrado pelos militares da Marinha entrevistados. O capitão-tenente e engenheiro naval Cristóvão Chaves, encarregado da área de engenharia mecânica, aponta o modelo inovador de geração de energia da base. “O sistema de cogeração de energia, atrelado às fontes renováveis (um parque eólico e de energia solar), nos proporcionou um modelo revolucionário, que tem o potencial de prover toda a demanda elétrica e térmica, sem precisar de nenhum equipamento para aquecimento a diesel”. Dentro da nova base, a temperatura é bastante agradável, em torno dos 25°C — a temperatura fora pode variar de -13°C a -80°C nos períodos mais frios, e a velocidade do vento chega a mais de 200km/h. Inóspito? Muito mais!

A EACF é dividida em três blocos, explica Cristóvão Chaves. São o Leste, Oeste e o Técnico. Montados no conceito modular, foram 226 módulos containerizados. Nós temos aqui 17 laboratórios, entre as partes, por exemplo, de biologia e de geologia. Estaremos totalmente preparados para pesquisas”. Os equipamentos de última geração ainda devem chegar na janela do verão, em outubro. Porém o arrojo técnico do acabamento das instalações impressiona.

Para entender um pouco mais como foi a construção da estação, o capitão José Costa conta que, devido ao curto espaço de tempo em que os operários podem trabalhar no ambiente inóspito da Antártica, toda a estação foi pré-fabricada na China em módulos. “Esta biblioteca aqui, por exemplo, veio montada com os forros e paredes. Aqui a gente faz as junções de um contêiner com o outro.”

No bloco Oeste, onde está a biblioteca, é a parte de vivência, com dormitórios, academia e sala de vídeo. No bloco Leste, temos 14 laboratórios nas instalações da estação e mais três afastados, tudo isso na ala sul. Na ala norte do mesmo bloco, temos a parte de serviços da estação, refeitório, cozinha, com oficinas e consultórios médicos e enfermaria, além da área de controle da estação, onde ficará o sistema de controle centralizado, que pode monitorar o consumo de energia de cada compartimento, o consumo de água da estação, etc. Até o calor gerado pelas máquinas é usado para aquecimento da estação.

“No bloco técnico, ficam os equipamentos de geração de energia, caldeira e a estação de tratamento de esgoto e de incineração de materiais orgânicos”, completa o capitão de fragata. No caso de incêndio, existe a possibilidade de estancar os compartimentos para que o fogo não se alastre e seja controlado. Todas as paredes resistem ao fogo de 30 a 210 minutos. A estação conta com nove saídas de emergência.

O mundo lá fora

Há um silêncio profundo, cortado apenas pelo som das rajadas de vento. O ecossistema é frágil e sensível. Se Deus criou o mundo em seis dias, a Antártica deve ter sido feita no primeiro, tal sua pureza. Tudo é extremamente primitivo. Beleza sem parâmetros. Do alto da montanha onde estão erguidas as sete cruzes dos que pereceram na estação, vê-se à esquerda da EACF um esqueleto de baleia, lembrança triste da indústria baleeira que prosperou na região no século 20.

Moradores vizinhos mais ativos, os pinguins dominam a região, mesmo movimentada por humanos ultimamente. Comem e se divertem na Baía do Almirantado. Há também focas, orcas e baleias nesse delicado e harmonizado bioma. Entre as recomendações para os visitantes e trabalhadores da estação, está: “Cuidado onde pisa!” Musgos e líquens resistem ao frio intenso e nascem em solo antártico nesta época do ano. O Ibama fiscaliza com rigor o impacto ambiental da presença humana na região, não admite exageros.

Pelo menos 45 espécies de aves vivem na área que abrange Antártica, mas apenas três se reproduzem no continente gelado: o pinguim imperador, o petrel antártico e a skua polar. É o continente mais frio, mais seco e com maior frequência de vento do planeta, que chega facilmente a 200km/h. A temperatura média chega a -60°C. Ufa! Ainda bem que é verão, -3 a 5°C. Das mais de 20 mil espécies de peixes conhecidas, apenas cerca de 100 vivem nas águas geladas onde está localizado, na área mais austral da Terra. Os mamíferos nativos são todos marinhos, como focas, golfinhos, orcas e baleias.

MEMÓRIA

Tragédia em 2012

Era verão, um silêncio frio pairava pela Baía do Almirantado. Era madrugada, precisamente 2h, de 25 de fevereiro de 2012. Sessenta pessoas dormiam nos cômodos interligados da antiga Base Comandante Ferraz. Ouve-se um estrondo! Uma explosão na Praça de Máquinas, onde ficam os geradores, põe todos em alerta máximo. As primeiras ações para debelar o fogo, que se alastra rapidamente, são feitas pelos militares. Mas o clima seco favorece a combustão. A maior parte da estação se transformou numa enorme sucata de vergalhões retorcidos. Dois militares perderam a vida nessa luta: o suboficial Carlos Alberto Vieira Figueiredo e o primeiro-sargento Roberto Lopes dos Santos. Dois heróis. As cruzes acima do parque eólico da nova base homenageiam o ato de bravura desses brasileiros.

MME / ASCOM .